

A. Georgiadou & K. Oikonomopoulou (ed.), *Space, Time and Language in Plutarch*, Millennium-Studien 67, Berlin & Boston, De Gruyter, 2017, xiv+ 382pp. ISBN 9783110537710.

JOAQUIM PINHEIRO² (*Universidade da Madeira; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra — Portugal*)

O volume em epígrafe, cuidadosamente editado por Aristoula Georgiadou e Katerina Oikonomopoulou e inteira justiça dedicado a Françoise Frazier, reúne estudos — apenas o estudo de M. Beck é excepção — apresentados no X Congresso da Internacional Plutarch Society, que decorreu em 2014 no emblemático espaço de Delfos. Como já o tema da Conferência sugeria, os estudos reflectem a diversidade temática das *Vitae* e, em especial, dos *Moralia*. Num exercício sempre complexo, os trinta estudos foram agrupados por nove secções, o que facilita a consulta dos leitores, embora possa haver secções interligadas pela temática, como por exemplo a terceira e a sexta, que têm em comum o tema da religião. Na Introdução, as editoras do volume descrevem e justificam o tríptico (*space, time, language*) que preside à temática geral dos estudos. Consideram que esses três conceitos permitem (re)ler Plutarco, uma vez que evocam relevantes elementos identitários, recorrendo ao tratado *De Pyth. or.* 394E para comprovar que esses três conceitos estão intimamente relacionados. Um dos objectivos deste volume é demonstrar como Plutarco, de diferentes formas, representa o espaço e como o próprio espaço reflecte aspectos biográficos, filosóficos, religiosos e políticos.

A primeira secção contém os estudos de C. Pelling (*Space travel and time travel in Plutarch*) e M. Beck (*Time and space in Plutarch's Lives*). C. Pelling explora a presença do espaço “hodologically”, enquanto experiência de viagem física ou mental, no tratado *De Pyth. or.* e na biografia de Alexandre, relacionando espaço e alterações no curso da história ou no *ethos* humano, pois, como refere no final, “life as ‘a journey’”. Por sua vez, M. Beck analisa algumas técnicas narrativas (analepse, prolepse, anacronia ou aceleração e desaceleração de ritmo) que Plutarco usa nas biografias, dedicando especial atenção a processos de manipulação do tempo e do espaço. Saliente-

² pinus@uma.pt.

-se o facto de, na sua análise, recorrer ao interessante conceito de “chronotope” de M. Bakhtin.

Na segunda secção, o estudo de F. Frazier (*Espace mémoriel et paysage monumental. Plutarque et l’Athènes de son temps*) permite-nos perceber como Plutarco, nas *Vitae*, recupera o espaço passado de Atenas para o transmitir à sua audiência, com uma metodologia que valoriza a história, mas também o momento presente, facto que distingue o biógrafo de Pausânias. Por sua vez, T. Duff (*Plutarch and tense. The present and the imperfect*) analisa o uso do imperfeito em Plutarco, identificando duas funções: a de ‘backgrounding’, ao convocar o passado para o presente narrativo, e a de tornar o leitor participante pelo facto de a narrativa criar uma perspectiva interna. Quanto a L. Fletcher (*Narrative time and space in Plutarch’s Life of Nicias*), propõe uma leitura intratextual do par *Nic.-Cras.*, em particular da biografia de Nícias, detendo-se na interpretação de processos narrativos de antecipação, que determinam a sequência do par, com consequências no efeito de paralelismo e na própria *synkrisis*, e que ultrapassam a simples ordem cronológica.

A terceira secção reúne quatro estudos. F. Brenk (*Space, time, and language in On the Oracles of the Pythia: ‘3000 years of history, never proved wrong’*) demonstra a partir da análise do tratado *De Pyth. or.* a diversidade de espaços e períodos referidos por Plutarco, com implicações na própria linguagem e na estrutura do diálogo, servindo o passado para reflectir sobre o presente, pois Delfos é um elemento estruturante da cultura grega. Por sua vez, L. Kim (*Poetry, extravagance, and the invention of the ‘archaic’ in Plutarch’s On the Oracles of the Pythia*), com base no mesmo tratado e em particular no discurso de Téon, concentra o seu estudo na passagem da poesia para a prosa nas respostas oraculares da Pítia, o que merece de Téon uma avaliação positiva, que alguns não têm, mas que denota uma alteração, do passado (poesia) para o presente (prosa), com significado cultural. Depois, o estudo de M. Lucchesi (*Delphi, place and time in Plutarch’s Lycurgus and Lysander*) propõe uma interpretação do valor simbólico que Delfos representa nas biografias de Licurgo e Lisandro, tendo em conta a estreita ligação entre o oráculo e Esparta. Por fim, K. Oikonomopoulou (*Space, Delphi and the construction of the Greek past in Plutarch’s Greek Questions*) analisa as refe-

rências espaciais nas *Quaest. Graec.*, em especial as que estão relacionadas com Delfos, realçando o facto de o espaço significar mais do que a sua dimensão geográfica, uma vez que carrega uma importante vivência social e cultural, num diálogo constante entre passado e presente.

A quarta secção abre com o estudo de J. Geiger (*Greeks and the Roman past in the Second Sophistic: The case of Plutarch*), em que se interpreta a falta de elementos, na obra de Plutarco, do período imperial, preferindo-se recorrer ao passado romano da República, o que pode ser entendido como uma estratégia para a manutenção de boas relações políticas com o poder romano. J. Ginn (*Plutarch and the advent of Hellenism in Rome*) examina as fontes historiográficas que Plutarco usou para os séculos III e II da República Romana, em particular os aspectos culturais e de interacção entre Gregos e Romanos. O estudo de S. Jacobs (*Creating paradigms for the politikoi: Bridging the gap in political space and time with pre-imperial heroes*), por sua vez, identifica aspectos paradigmáticos dos *politikoi*, também numa perspectiva comparativa, entre Gregos e Romanos, salientando o efeito imitativo que esses modelos da República ou da Grécia Clássica poderiam ter na audiência do século II d. C. E. Almagor (*Greatness measured in time and space: The Agesilaus-Pompey*), no final desta secção, explora noções de ‘tempo’ e ‘espaço’ no par biográfico *Ages.-Pomp.*, realçando a ligação de Agesilau a Esparta e a perspectiva mais universalizante da biografia de Pompeio.

Na quinta secção, reúnem-se quatro estudos: G. Roskam (*Discussing the past: Moral virtue, truth, and benevolence in Plutarch's On the Malice of Herodotus*) explora a leitura ética do tratado *De Her. mal.*, não tanto uma perspectiva patriótica por parte de Plutarco, até porque não é o método herodotiano que é criticado; P. Desideri (*Solon on the road*) concentra a sua análise na biografia de Sólon, por vezes comparando-a com a de Públicola, para realçar o facto de o tema da viagem na vida do legislador grego ser uma fonte de conhecimento muito importante, nomeadamente no que se refere ao contacto com uma cultura distinta; E. Berardi (*Modelli del passato in due conferenze di Plutarco: De gloria atheniensium e De audiendo*), notando que Plutarco recorre a uma “*koine alta*” (p. 183), explora a dimensão literária e linguística dos tratados *De aud.* e *De gloria Ath.*, com, simultaneamente, marcas de modelos do passado e interpretação autónoma do Queronense; por fim,

M. Aloumpi (Shifting boundaries: *Philotimia* in democratic Athens and in Plutarch's *Lives*) reflecte sobre o conceito de *philotimia* nas biografias, relacionadas com a democracia ateniense, comparando o seu uso com aquele que é feito em fontes históricas, concluindo que para Plutarco a *philotimia* pode ter uma carga positiva e negativa, em função do *ethos* do herói.

Os estudos de B. Demulder (Is dualism a Greek word? Plutarch's dualism as a cultural and historical phenomenon) e M. Meeusen (Egyptian knowledge at Plutarch's table: Out of the question) integram a sexta secção. O primeiro explora o conceito de "dualismo" em Plutarco, atendendo à função do espaço (Grego vs. não-Grego) e do tempo (pré-Platónico e Platónico), nos tratados *De tranq. an.*, *De an. procr.* e *De Is. et Os.* Quanto ao segundo estudo, baseando-se na visão de Plutarco sobre a cultura não-Grega, examina a presença do conhecimento egípcio nas *Quaest. Conv.*

Na sétima secção, agrupam-se três estudos. E. Alexiou (Divisions in Greek culture: *Cultural topoi* in Plutarch's biographical practice) explora, em algumas biografias, o conceito de "[local] cultural *topoi*", nas referências a Esparta ou Atenas, com a identificação de diferenças entre passado e presente, enfatizando a construção de elementos identitários e de memória cultural. Para M. Ruffy (The construction of a cosmopolitan space in Plutarch's *On Exile*), Plutarco, no tratado *De ex.*, alarga o conceito de cidadania, ligada a um espaço sem fronteiras, uma vez que a pátria se situa num espaço celestial, com conotação filosófica, embora esse conceito não se aplique a todos os seres humanos de igual forma. Por fim, P. Volpe Cacciatore (Il significato del termine in Plutarco: lo straniero nella realtà dell'Impero cosmopolita) interpreta os diversos sentidos de *xenos* no tratado *De ex.*, relacionando a realidade cosmopolita do Império com a de homem grego que Plutarco não deixa de ser.

Inseridos na oitava secção encontram-se quatro estudos sobre as *Quaestiones convivales*. A. Nikolaidis (Past and present in Plutarch's *Table Talk*) demonstra que, além do interesse literário, social e cultural, as *Quaest. conv.*, num ambiente intelectual especial, colocam em paralelo Gregos e Romanos, ou seja, o passado helénico e o presente romano, numa interessante dialéctica entre passado e presente; saliente-se, ainda, o útil apêndice sobre a categoria dos participantes, os locais e os anfitriões referidos no tratado. Quanto ao estudo de D. Driscoll (Symptotic space, hierarchy and Homeric quotation in

Table Talk 1.2), interpreta a forma como Plutarco (617D-E) apoia uma prática simpótica com recurso à *Il.* 23, 534 ss., pois está em questão a pertença à família ou a posição hierárquica para integrar o banquete; sobre a forma errada ou intencionalmente errada como Plutarco terá interpretado o texto homérico, o A. estabelece uma relação com a recepção que essa leitura terá tido junto de uma audiência intelectualmente bem preparada, em especial quanto à superioridade da *paideia* grega sobre o poder romano. J. Goeken (*Plutarque et la tradition rhétorique du banquet*) salienta o uso problemático de técnicas retóricas no diálogo simpótico, à luz do modelo platónico, mas nem sempre em concordância com ele, admitindo que a retórica desempenha um papel relevante na reflexão filosófica e no próprio diálogo entre Gregos e Romanos, no quadro da Segunda Sofística. Por fim, o estudo de J. Fernández Delgado & F. Pordomingo (*Theseis rather than quaestiones convivales*) detém-se em elementos característicos de exercícios escolares que o tratado apresenta, como as *theseis*, que conferem ao texto paradoxalidade, ao estilo formal da *synkrisis*.

Na nona secção, a última do volume, podem ler-se quatro estudos. M. Lipka (*Individuated gods and sacred space in Plutarch*) demonstra que Plutarco relaciona a referência que faz a deuses individualizados, como Zeus, Apolo ou Deméter, a espaços específicos, ao contrário do que sucede com a alusão a divindades abstractas, como a *Tyche* ou o *Daimon*. Baseando a sua análise nas biografias, C. Alcalde-Martín (*Espacio monumental y autopsia en las Vidas Paralelas de Plutarco*) recorda que Plutarco nem sempre viu os espaços ou monumentos que menciona e que também muitas vezes não refere que viu aquilo que está a descrever; assim, salienta o valor da *autopsia* de Plutarco como forma de interligar o passado e o presente. S. Xenophontos (*Military space and paideia in the Lives of Pyrrhus and Marius*), a partir do par *Pirrh.-Mar.*, explora os condicionamentos da actividade militar no *ethos* do herói, além da sua *paideia*, para concluir que a identidade de um herói não se baseia unicamente na sua origem, mas no seu comportamento ético e no processo formativo. No estudo de A. Catanzaro (*Astronomical and political space: The sun's course and the statesman's power Plutarch and Dio*), relaciona-se, numa análise metafórica, o espaço astronómico, em particular o movimento do sol, com uma das questões políticas mais importantes da época: o poder ilimitado do *princeps* e como poderia esse poder ser restrin-

gido pelas instituições; para a análise, recorre-se ao tratado *Ad princ. ind.* e à *Or. III* de Díon de Prusa.

Em conclusão, este volume revela uma coerência temática digna de ser assinalada, sobretudo se tivermos em conta a sua abrangência temática e mesmo textual. Elogiamos a opção por reunir a bibliografia completa do volume no final, de fácil consulta, além de dois índices, um de matérias e outro de referências de obras clássicas. Ainda que se possam encontrar algumas repetições entre estudos, nomeadamente sobre os conceitos de espaço, passado e presente ou de características da Segunda Sofística, parece-nos que, em geral, se apontam reflexões interessantes sobre a técnica narrativa e o pensamento de Plutarco.

Cristina Pimentel e Paula Mourão (coords.), *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa*. Lisboa; V. N. de Famalicão: Centro de Estudos Clássicos (FLUL); Edições Húmus, 2019, 608 pp.; ISBN: 978-972-9376-52-8; 978-989-755-433-9.

EMÍLIA MARIA ROCHA DE OLIVEIRA³ (CLLC, Universidade de Aveiro — Portugal)

O volume em epígrafe, o quarto da série de livros, reúne os textos apresentados no “IV Colóquio Internacional *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura*”, que teve lugar na Faculdade de Letras de Lisboa, nos dias 4, 5 e 6 de dezembro de 2017. Organizado pelo Centro de Estudos Clássicos, o encontro científico teve por objetivo promover o estudo da permanência das matrizes clássicas, grega e romana, nas literaturas em língua portuguesa. A publicação do volume em apreço, cuja coordenação científica ficou, uma vez mais, a cargo das Professoras Doutoras Cristina Pimentel e Paula Mourão, veio tornar acessível ao leitor uma série de ensaios que, como enfatizam as coordenadoras num breve Prefácio, “mostram à evidência que as relações com mitos, temas e motivos, textos e modos herdados dos clássicos são pertinentes e estimulam os investigadores capazes de cruzar referências” (p. 9). Tendo coincidido com a

³ emilia.oliveira@ua.pt. Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da celebração do contrato-programa previsto nos números 4, 5 e 6 do art.º 23.º do D.L. n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela Lei n.º 57/2017, de 19 de julho.